

A GUERRA

A actual conflagração européa é o assumpto ao qual ainda os mais avessos a elle não podem fugir. E' um pesadelo constante que se reproduz em todas as phases da actividade humana, pois a todas affecta directa ou indirectamente.

As guerras de hoje, e sobretudo o cataclysmo que no momento presente incendeia a Europa, trazem tão profundas reflexões no mundo economico, e a vida dos povos está a este tão intimamente ligada, que ainda os individuos que por uma razão ou outra evitam systematicamente o assumpto, não podem deixar de ser por elle seriamente interessados.

Na guerra actual, *Egatea* professa absoluta e imparcial neutralidade, quaesquer que sejam as opiniões pessoas dos seus collabores. Como expoente dessa neutralidade, pensamos banir inteiramente a materia de nossas paginas e cuidadosamente de nossa secção *Atravez das Revistas* eliminámos interessantissimos dados estatisticos, que poderiam entretanto ser interpretados como si mostrassemos a superioridade relativa deste ou daquelle adversario em determinado terreno.

Não se pode, porém, fugir ao *caso do dia*, quando elle assume tão preponderante importancia que todos os mais se tornam pallidos e desinteressantes a par do mesmo.

A nós outros brasileiros a guerra actual nos traz amargas, mas preciosas licções que oxalá saibamos aproveitar. Não queremos falar de licções no terreno militar. Da actual conflagração, a licção militar que o mundo pode haurir é a de dar maior amor á paz e a de aprender a assentar as querellas entre nações como se assentam as questões entre individuos que se estimam civilizados. E' com effeito uma suprema ironia que as nações que se prezam de mais adiantadas, aquellas que na sua vida interna são mais policiadas; quando se trata de assumptos externos, entre ellas, recorram como *ultima et suprema ratio* aos processos que na vida do individuo são considerados criminosos e como pertencentes ás épocas dos barbaros.

Estas são, entretanto, considerações de utopistas. Não cremos que a guerra desapareça da face da terra, graças a estas reflexões que hoje já pertencem ao campo dos logares communs. A guerra só poderá desaparecer graças ao grande movel das acções humanas, o interesse. Os povos deixarão de fazel-a quando ella se tornar impossivel, isto é, quando na consciencia de todos tiver se tornado uma evidencia indiscutivel de que na guerra não haverá mais vencedores e vencidos, mas que ella significará o esmagamento mutuo e a destruição economica reciproca, em vantagem apenas das nações que se conservarem neutras.

Até, porém, que isto se torne um facto muito sangue ha de correr ainda nos campos de batalha do futuro e muita descoberta ha de a Sciencia fazer para o progresso que o homem ha de applicar á destruição.

As licções que nós brasileiros podemos tirar da guerra são mais significativas do que themas taticos, porque são de character econo-

mico. A conflagração affectou profundamente a nossa vida interna. Paiz essencialmente importador, exportando apenas materia prima de mil e um artefactos que uma vez manufacturados nós importamos a alto preço; confiando para nossas relações commerciaes apenas na iniciativa do estrangeiro, a guerra colheu-nos de surpresa, desprevenidos de todo e deixa-nos em serios embaraços. Os principaes mercados para que exportavamos os nossos productos estão fechados; quando não o estejam, a caça aos navios mercantes que a guerra actual restabeleceu, voltando a praticas abandonadas ha um seculo veio tornar a navegação escassa, difficil e aventureira, levantando ainda maiores obstaculos á dupla troca dos productos. Os nossos mercados de importação são naturalmente os mesmos e a situação é identica. Doutros mercados, agora francos, não cogitámos nunca; esperamos sempre que o estrangeiro viesse entabolar relações commerciaes connosco, sem que houvessemos jámais tentado esforços para entrar em commercio com aquelles que espontaneamente não nos procuraram, por um ou outro motivo. Esperámos sempre da iniciativa governamental que nos abrisse esses mercados para que olhávamos com uma cobiça molle. A experiencia e exemplo doutros povos já demonstrou que o trabalho official, burocratico, não faz mercados; para isso é necessaria a actividade e experiencia de representantes activos, de camaras de commercio efficaçmente organizadas. O conservativismo de nosso commercio teve sempre uma hesitação timorata diante dessas *novidades* que representam despezas iniciaes.

A nossa industria em plena infancia, cheia de lacunas, lutando heroicamente contra o retrahimento dos capitaes que preferem os 5% das apolices da divida publica a uma iniciativa vigorosa, não bastam ás necessidades do paiz. Em materias de industrias novas em nossa patria valeria mais um kilo de experiencia pratica do que uma tonelada de tinta vertida em discussões que poderão evidenciar muita leitura, mas que pouco adiantam no dominio pratico. Em nossa terra, porém, prefere-se a tinta; e quando o assumpto está exgotado, exgottado está tambem o interesse.

São essas algumas das lições da guerra. Que ellas nos aproveitem. E' necessario estimular as forças economicas do paiz. Este é um dos principaes escopos de *Egalea* no Rio Grande do Sul; que o publico o compreenda e não nos desanime e nos encontrará sempre desempenhando esse papel.

Mas este mesmo publico vê na guerra não apenas os seus aspectos economicos e graves, mas tambem os curiosos e novos, da luta propriamente em si. Estes despertam interesse que embora menos significativo e profundo do que aquelle que acima apontámos, não é por isso menos real.

A guerra actualmente não é apenas uma luta de massas de soldados contra outras massas; de tatica de estrategistas contra a tatica dos adversarios. E' uma guerra de technica contra technica; e não nos referimos á technica militar, mas poderíamos dizer de engenharia contra engenharia. Os problemas do transporte das forças e da grossa artilharia; a construcção de obras de defeza; a reconstrucção rapida e ao mesmo tempo efficaç e robusta de meios de communicação destruidos pelo inimigo e tantos outros, são todos problemas que tem de ser resolvidos pelo engenheiro e não pelo soldado. A

lucta actual já tem dado occasião de se poder avaliar a que ponto de perfeição e efficiencia as soluções de taes questões têm sido levadas.

A guerra de hoje não é mais essencialmente uma lucta entre o valor ou coragem das tropas dos dois inimigos. As batalhas têm logar entre forças collocadas a tal distancia umas das outras que os combatentes, acobertados em trincheiras profundas, se não vêm e poucas occasiões têm de medir mutuamente a coragem respectiva. O que decide da guerra a longo termo são as condições economicas dos adversarios; o que decide das batalhas são as capacidades de resistir e de destruir dos dois exercitos.

E aqui volvemos ao aspecto tecnico da guerra actual: as obras de defeza e os meios de ataque e de destruição das mesmas. As trincheiras que agora se constroem rapidamente nos campos de batalha têm dimensões e robustez taes que ha annos passados as collocariam quasi no numero das fortificações permanentes e que a engenharia daquella epoca não permittiria construir em tão curto lapso de tempo qual aquelle que os belligerantes empregaram para as levantar, por exemplo, nas margens do Aisne, ha pouco.

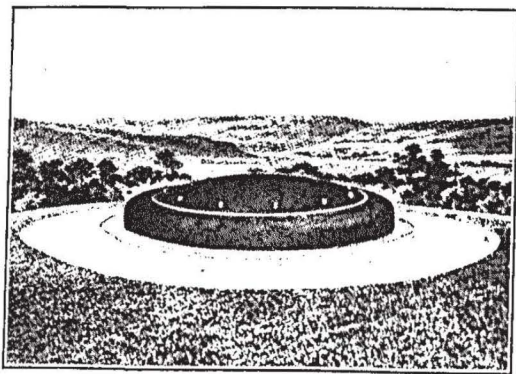


Fig. 1

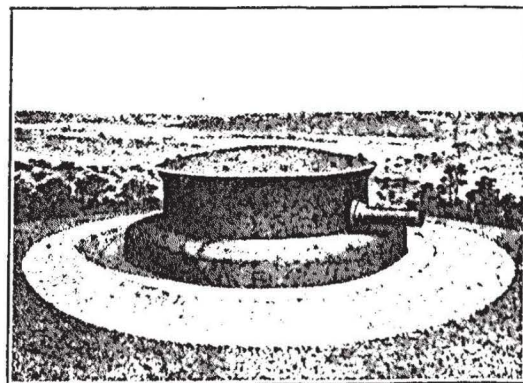


Fig. 2

As obras de defeza de caracter permanente são hoje de aspecto muito diverso daquelle que se lhes dava outrora, quando as fortalezas eram massas imponentes e assoberbantes que se erguiam dominantes apresentando de longe as suas muralhas como um desafio aos tiros do inimigo. Essas fortificações, porém, passaram ao dominio do passado, com o desenvolvimento da artilharia moderna. Foram substituidas pelos fortes positivamente enterrados no chão, torres de aço de couraça, cercadas duma capa de doze metros de espessura de concreto sobre a qual vem o revestimento de terra em talude coberto de gramma.

As photographias que para satisfazer a natural curiosidade do publico aqui reproduzimos dão clara idea da construcção desses fortes modernos. A fig. 1 representa um desses fortes na posição de *carregar* que é o seu aspecto normal, agachado, sumido nos accidentes do terreno, pode-se dizer invisivel a relativa pequena distancia. A fig. 2 mostra o mesmo forte no momento de atirar, a torre levantada no instante preciso, mathematicamente determinado, para despejar a bala e desaparecendo logo em seguida.

A fig. 3 mostra um corte dum desses mesmos fortes e por elle o leitor pode ver a disposição interna dos mesmos e o revestimento formidavel que o protege.

A lucta do canhão contra a couraça vem de longe e ha pouco

a destruição dos fortes de Liège veio mostrar que ainda desta vez não é a couraça que diz a última palavra. Os obuzeiros de 42 cm. com que os artilheiros alemães surpreenderam o mundo militar vieram mostrar que os Vaubans da época presente devem

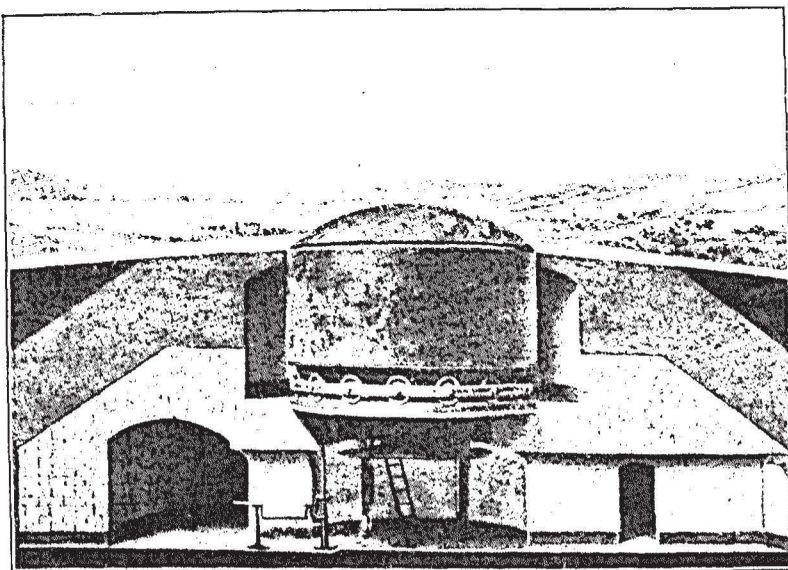


Fig. 3

contar com outros elementos para planear as fortalezas do futuro.

A fig. 4 mostra um dos obuzeiros de grosso calibre do exercito alemão. A esse typo pertencem os já celebres «42». A nossa gravura representa uma das peças de sitio de 28 cm. com a respectiva viatura.

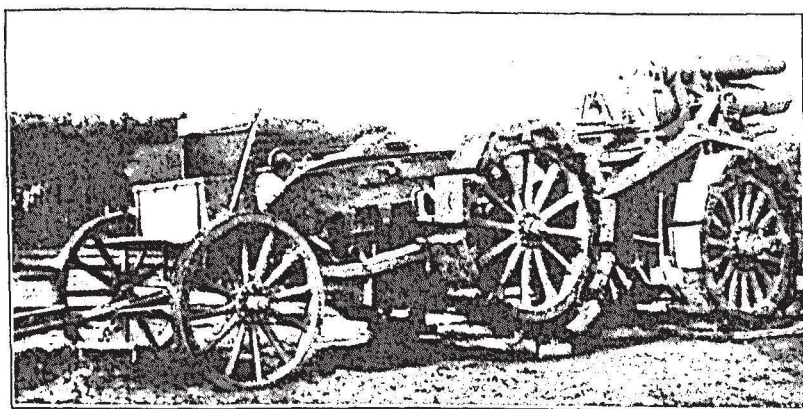


Fig. 4

O transporte é feito por meio de tractoras a vapor ou a gazolina e para os maiores calibres são empregadas duas locomotoras. São curiosas as rodas de systemas *caterpillar* que permitem o transporte sobre terrenos de natureza difficil onde com

o uso de rodas communs o peso da viatura tornaria impossivel a passagem das peças.

Um outro dos aspectos interessantes da guerra actual é o emprego de dirigiveis e aeroplanos. Para não alongar esta breve noticia não trataremos deste aspecto do assumpto, o qual, aliás, já tem sido amplamente ventilado por outros collegas da imprensa.

O estudo destes modernos engenhos de destruição que a civilização creou para o serviço da morte, só nos deve inspirar um mais profundo amor pela paz e um mais ardente desejo de ver surgir para o mundo uma época de mais sincera e real fraternidade em que as guerras se tornem mais e mais raras, tendendo para desaparecer com o resto das heranças dos tempos de barbaria que a humanidade tem já sabido relegar.

V. de Vivaldi.